

A LITERATURA EM TODO LUGAR: contando histórias por meios digitais

LITERATURE EVERYWHERE: telling stories by digital means

Isaque da Silva Moraes
Daniela Maria Segabinazi

Resumo: No contexto social pandêmico que perpassa a humanidade a literatura emerge como meio para que o indivíduo possa ser e estar em outros lugares. Considerando seu poder humanizador, a literatura dialoga intimamente com toda a carga que advém do atual momento e proporciona um abrandamento das emoções angustiantes. Dessa forma, as contações de histórias - provenientes desde as civilizações mais antigas, por meio da oralidade - (re)encontram na atualidade um momento propício para unir as pessoas em torno de uma história que alimenta a imaginação, transportando o sujeito para outras órbitas. Sendo assim, o presente artigo pretende articular literatura e sociedade, por meio de contações de histórias em meios digitais, apresentando uma prática mediante o livro “Lívio Lavanda” (2018), de Michael Roher. Para tanto, nos embasamos nos pressupostos teóricos estabelecidos por Barcellos e Neves (1995), Coelho (1998), Girardello (2014), Giroto e Souza (2010), e Cosson (2020). Apresentaremos as etapas da contação - antes, durante e depois -, os critérios para escolha da obra, como também os resultados provenientes das contações, através de transcrições dos depoimentos dos ouvintes. Além disso, relataremos os recursos digitais utilizados para a produção do material. Essa pesquisa pretende servir de referencial para professores e contadores de histórias promovendo estímulo para que tal prática seja cada vez mais evidente na sociedade, não se limitando apenas ao público infantil, mas estabelecendo relações entre todos os públicos de leitores, pois evidencia uma prática de leitura mediada, que por meio da voz e dos suportes expandem os horizontes ao propagar a literatura.

Palavras-chave: Literatura. Contação. Digital. Diálogo.

Abstract: In the pandemic social context that permeates humanity, literature emerges as a means for the individual to be and be in other places. Considering its humanizing power, literature dialogues closely with all the burden that comes from the current moment, and provides a easing of distressing emotions. Thus, storytelling - coming from the oldest civilizations, through orality - (re) currently finds a propitious moment to unite people around a story that feeds the imagination, transporting the subject to other orbits. Therefore, this article aims to articulate literature and society, through storytelling in digital media, presenting a practice through the book “Lívio Lavanda” (2018), by Michael Roher. Therefore, we are based on the theoretical assumptions established by Barcellos and Neves (1995), Coelho (1998), Girardello (2014), Giroto and Souza (2010), and Cosson (2020). We will present the stages of the story - before, during and after - the criteria for choosing the work, as well as the results from the stories, through transcriptions of the listeners' testimonies. In addition, we will report the digital resources used for the production of the material. This research intends to serve as a reference for teachers and storytellers, promoting encouragement for such practice to be increasingly evident in society, not limited only to children, but establishing relationships between all publics of readers, as it evidences a practice of mediated reading, which through voice and media expand horizons when propagating literature.

Keywords: Literature. Counting. Digital. Dialogue.

1 Introdução

Este artigo surgiu a partir de uma prática de contação de histórias com crianças dos 3º e 4º anos do Ensino Fundamental I, da Escola Municipal Lúcia Giovanna Duarte de Melo, localizada na cidade de João Pessoa – PB. As contações de histórias acontecem em todas as turmas da escola e são realizadas pela bolsista e voluntários (graduandos em Letras e Pedagogia) do projeto de extensão *Cultura literária na escola: para ler, ouvir, ver e sentir*, da Universidade Federal da Paraíba. O projeto é coordenado pela Profa. Dra. Daniela Maria Segabinazi e pelo Prof. Dr. Damião de Lima, além deles, a equipe conta com diversos colaboradores entre mestrandos e doutorandos do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL-UFPB) da mesma universidade. A extensão tem sido desenvolvida no decorrer do ano de 2020.

O projeto tem por objetivo promover o acesso à cultura literária e auxiliar no processo de formação de leitores dos alunos no Ensino Fundamental I, como também de seus professores e familiares. Para tanto, são ofertadas contações de histórias e exposições literárias e culturais, nas quais as crianças são guiadas a mergulhar no mundo da literatura infantil, conhecendo diversas obras, autores e ilustradores. Os contadores passaram por um processo de formação durante os meses de abril e maio de 2020, nos quais discutiram técnicas, meios e formas de contar histórias. Após esses meses de preparação, foram definidos contadores para cada turma específica da escola, que deveriam produzir duas contações por mês, de junho a novembro do mesmo ano.

É válido salientar que todo projeto foi pensado e elaborado para ser realizado presencialmente. No entanto, com a chegada da pandemia do Covid-19, o projeto teve de ser repensado e reformulado para os meios digitais. Com as recomendações da Organização Mundial da Saúde (OMS) para o distanciamento social, como prevenção ao contágio e a disseminação do vírus, escolas e universidades tiveram que interromper suas atividades presenciais e, assim como o projeto, se adaptar à nova realidade. Posto isso, acreditamos que o trabalho com a literatura nesse momento se tornou ainda mais essencial, pois

a literatura nos diz o que somos e nos incentiva a desejar e a expressar o mundo por nós mesmos. E isso se dá porque a literatura é uma experiência a ser realizada. É mais que um conhecimento a ser reelaborado, ela é a incorporação

do outro em mim sem renúncia da minha própria identidade. No exercício da literatura, podemos ser outros, podemos viver como os outros, podemos romper os limites do tempo e do espaço de nossa experiência e, ainda assim, sermos nós mesmos. (COSSON, 2020b, p. 17)

No contexto social pandêmico, no qual os indivíduos tiveram suas realidades modificadas bruscamente, acreditamos que a literatura e as artes em geral funcionam como válvulas de escape diante de uma realidade tão frustrante. Posto isso, nosso objetivo é apresentar aos leitores uma prática de contação de história no meio digital, proporcionando para professores e contadores um material que pode servir de base para diversas contações. Dessa forma, nos embasamos em teóricos da arte de contar histórias, como Coelho (1998), Barcellos e Neves (1995), Girardello (2014) e Busatto (2006), evidenciando como uma transposição de seus pressupostos pode ser feita para o meio digital.

O trabalho também resulta de pesquisas desenvolvidas no GEEF – *Grupo de Pesquisa em Estágio, Ensino e Formação Docente* (<https://www.ufpb.br/geef>), mais especificamente da linha 03, referente a pesquisas em literatura infantil e juvenil, do qual os autores deste trabalho são membro e coordenadora, respectivamente. Sendo assim, além dos subsídios da arte de contar histórias, procuramos acrescentar à contação estratégias de leitura, considerando que nosso horizonte de expectativa é sempre auxiliar na formação de novos leitores. O artigo está dividido em seis partes, incluindo esta introdução e as considerações finais, excetuando as referências. Na primeira parte, discutimos um pouco do lugar da literatura no mundo, destacando como podemos encontrá-la em todo lugar. Em seguida, apresentamos uma discussão sobre contações de histórias. Nos dois últimos tópicos, apresentamos a prática mediada pelo livro *Lívio Lavanda* (2018), de Michael Roher, e seus resultados.

2 A literatura em todo lugar

Ao pensarmos em literatura na atualidade é impossível afirmar que ela está contida apenas nos livros canônicos tão conhecidos por nós, pois assim como no processo evolutivo de nossas sociedades, desde os gregos, ela também se adaptou e foi transposta para outros meios mantendo-se constantemente ativa como objeto artístico que é. Várias pesquisas comprovam, no entanto, que a escola ainda é o lugar de permanência essencial dessa literatura e aqui compreendemos a literatura como meio pelo qual os sujeitos constroem sentidos. Reafirmamos

que a escola é o local propício para inserção de qualquer sujeito no mundo literário, mas não acreditamos que seja nela o único, até porque estaríamos sendo extremamente reducionistas se assim pensássemos. O fato é que podemos nos deparar com a literatura em diversos ambientes e pelos mais variados meios.

A transposição e adaptação da literatura para os meios televisivos, radialísticos e, mais atualmente, para os digitais, são provas de que ela nos rodeia. Contudo, não é porque ela nos cerca que de fato nos apropriamos dela. É nesse ponto que se torna fundamental o papel do(a) professor(a) enquanto mediador(a) da leitura literária, pois é ele(a) que deve orientar os seus alunos no percurso formativo de leitor literário, percurso esse que é constante e nunca se encerra, visto que a literatura sempre se renova e os textos são redes de sentidos nos quais cada experiência é única.

Sendo assim, quando pensamos em contações de histórias uma excelente plataforma que está disponível para professores, pais e alunos é o *Youtube*; essa plataforma de vídeos é um dos meios pelos quais diversos contadores de histórias divulgam seus trabalhos. Dentre tantos, destacamos alguns contadores e canais que podem servir de inspiração para a prática do professor como contador, sendo eles: Cléo Busatto, Marina Bastos, Fafá, Carol Levy e o Quintal da Cultura. Vale ressaltar que essa não é a única plataforma. Após as atualizações do *Instagram*, acrescentando a plataforma o IGTV, muitos contadores compartilham suas contações em seus perfis pessoais e profissionais. Além desses, ressaltamos também a crescente inserção de contadores de histórias nos *podcasts*, nesse formato destacamos o *Achadouros da Infância*, de Beatriz Almeida, que pode ser encontrado na plataforma de streaming *Spotify*, como também no *Instagram* em perfil de mesmo título.

Tais plataformas evidenciam como a arte de contar histórias está viva no ambiente digital, e não só ela, os próprios textos literários são cada vez mais encontrados em formatos de *E-book*, como também são abundantes em blogs e em sites. Para além dos já citados, temos uma grande diversidade de avatares da literatura, como denomina Cosson (2020a), as canções populares, os filmes, as HQS, e a própria literatura eletrônica, que são “[...] obras que se valem dos recursos digitais para compor textos nos quais a escrita se mistura a imagens e sons numa convergência de mídias.” (COSSON, 2020a, p. 18). Essa pluralidade de meios e formas só é possível, como afirma o autor, pois

o trânsito de uma obra a outra, a passagem de um veículo a outro, acontece justamente porque o terreno em que eles se movem é comum: o espaço literário. Com isso, ao surpreender o literário em outras formas e veículos, não se busca mais levar determinado objeto à categoria de literário por sua qualidade estética ou artística, mas sim ver como a palavra feita literária participa daquele objeto, ou seja, essas manifestações e produtos culturais são literários não simplesmente porque assumem as funções anteriores de proporcionar ficção, entretenimento ou qualquer outra função atribuída aos livros literários no passado, ou ainda porque atingiram tal maturidade que precisam ser enobrecidos com o rótulo de literários – essa seria a parte mais fraca do argumento –, mas sim porque é assim que a literatura se apresenta atualmente/se configura em nossos dias. (COSSON, 2020a, p. 19)

É a essa presentificação da literatura que nos referimos, ela se faz presente em nosso meio e graças à contribuição de muitos pesquisadores, professores e contadores, temos atualmente subsídios favoráveis através dos meios digitais. Não obstante, afirmamos que os professores não começaram a se reinventar com o advento da pandemia, eles sempre estiveram em constante reinvenção no sistema educacional brasileiro que é tão desfavorável para essa classe durante toda sua formação.

3 Contar histórias

A arte de contar histórias é uma prática milenar, advinda da oralidade, carregada de sons, formas, entonações, expressões e tantos outros elementos que a compõe. Tal arte ainda é muito presente em nossa contemporaneidade, em contextos mais específicos, como nas escolas e em eventos próprios da área, mas não somente, encontramos também um grande número de contadores nos meios digitais, como já evidenciado anteriormente. Um dos vários motivos e aspectos que mantêm a prática de contação de histórias tão viva é aquilo que ela proporciona, ou seja, a experiência do ouvinte a partir da escuta literária. Quando o indivíduo se dá conta, ele já está imerso no mundo da ficção, da fantasia, das metáforas, metonímias, onomatopeias, das imagens e sintetizando, da linguagem, no que ela provoca e evoca. Sendo assim, “[...] é preciso levar a sério algo que provoca relevante impressão e exerce grande influência sobre as crianças.” (COELHO, 1998, p. 9).

Diante disso, coadunamos com a ideia estabelecida por Gilka Girardello (2010) – a partir dos pressupostos filosóficos de Paul Ricoeur –, de que contar histórias é como uma clareira no bosque. A luz que uma contação viabiliza para um sujeito, seja ele de qual idade for, é como um caminho mediador para um estímulo da imaginação, no qual é possível se

(re)conhecer e ao outro também. Na sala de aula, e no contexto atual pandêmico, – no mundo virtual –, a contação de histórias é o espaço propício e essencial para que se desenvolvam práticas de imersão do nosso futuro leitor em seu itinerário literário, pois a partir dela

a imaginação se alimenta de imagens novas e, por isso, talvez seja tão acesa nas crianças, para quem tantas imagens são novas. Assim, a escuta literária das crianças deve ser pelo menos tão intensa quanto a nossa leitura literária de adultos, e talvez seja muito mais. Essa escuta é o broto do amor pela literatura, que tanta felicidade e sentido poderá trazer à vida delas, nos seus anos de infância e futuro afora. (GIRARDELLO, 2014, p. 10)

Nas práticas de contação de histórias, sejam elas em quaisquer espaços, é necessário que o contador considere seus segredos e técnicas para que elas sejam bem-sucedidas. Há diversos teóricos que nos indicam essas técnicas, consideramos uma das mais essenciais a divisão em partes/momentos da contação, sendo eles a introdução, o enredo e o desfecho, que podem receber outras denominações de acordo com cada autor. Baseamo-nos no que concerne às definições das partes/momentos nas proposições de Coelho (1998), e, também, de Barcellos e Neves (1995).

Posto isso, a introdução seria o momento de apresentação da história, o estabelecimento do contato inicial entre o contador e os ouvintes, funcionando como preparação do público para a história que será contada. Por sua vez, o enredo se encarrega da parte essencial de todo processo de contação: a história. Para este momento é necessário que o contador se familiarize com a narrativa que será contada e com todo o trabalho que envolve o objeto literário, ou seja, suas ilustrações, a linguagem, a temporalidade que permeia a história, dentre tantos outros elementos composicionais. Tal envolvimento é necessário porque este é o momento em que o ouvinte irá ter a experiência com a obra, portanto, o enredo guarda a chave de todo o processo e o contador precisa estar preparado para tanto. Por fim, o desfecho é o momento de selar todo o processo e garantir que todo o percurso que foi feito tenha sido efetivo para o público. É importante salientar que essa parte não deve ser preenchida com a “moral” da história ou com a atribuição de um sentido único para ela, confiar no potencial do ouvinte para a construção de sentidos a partir da escuta é primordial para o sucesso de uma contação.

Como já explicitamos, o momento do enredo é essencial, o contador precisa estar preparado para ele. Na arte de contar histórias, com o desenvolvimento das pesquisas, no decorrer do tempo, foram traçados e consolidados diversos modos e formas para uma contação. Na tabela abaixo estão sintetizados alguns desses modos.

Tabela 1: modos/formas de contação

1) Simples narrativa	Contação que não necessita de nenhum recurso extra, apenas a voz, postura e expressões do contador.
2) Narrativa com o livro	Histórias que demandam a apresentação da obra, pois a interação entre ilustrações, o projeto gráfico da obra e todo material que a acompanha é essencial para a construção de sentidos pelo ouvinte.
3) Com interferência do ouvinte	Incorporação do público pelo narrador na contação e pode ser realizada por meio de perguntas interativas, da solicitação de palmas e gestos, dentre outros. Esse modo facilita a concentração dos ouvintes, principalmente se o público for numeroso.
4) Narrativa com flanelógrafo	Apesar de ser um modo mais antigo de contar histórias, ainda se torna muito eficiente. O flanelógrafo auxilia na passagem de ilustrações/personagens pelo contador e também dá um maior dinamismo para a história.
5) Com desenhos	Esse modo de contação pode ser com desenhos previamente preparados, que funcionam como ilustrações, como também com desenhos construídos no momento da narrativa que gera bastante interesse nos ouvintes, principalmente com as crianças. Na escola, esses desenhos podem ser feitos no quadro de uma sala propícia para a contação.
6) Teatro	A contação de histórias através da arte teatral pode ser feita através de teatro de bonecos, de sombras, de fantoches, dentre outras maneiras. É um excelente modo para práticas interdisciplinares.
7) Com recursos visuais	Para esse modo, muitos recursos já foram evidenciados em outras formas, porém destacamos ainda as tecnologias, pois é possível utilizar uma apresentação de slides para uma contação, por exemplo.
8) Narrativa com objetos	A contação com objetos auxilia o contador a dar uma maior expressividade e materialidade à história, como também facilita a concentração dos ouvintes.

Fonte: Coelho (1998), Barcellos e Neves (1995).

.....

Ressaltamos que os modos/formas evidenciados acima não se findam neles, há muitos outros que podem ser explorados, assim como a criatividade do contador conta muito para uma boa contação. Salientamos, também, que não há um modo melhor do que o outro, pois é sempre a história que nos diz qual a melhor forma de contá-la. Por isso, é necessário que o contador, antes de tudo, seja também ouvinte. Além disso, outro aspecto é indispensável ao se pensar a contação: os critérios de seleção. Muitas vezes as obras são selecionadas basicamente por critérios relativos às faixas etárias e as faixas de interesses, como as fases pré-mágica, mágica e escolar. Esses critérios são importantes e devem ser levados em consideração. Contudo, limitar os critérios de seleção apenas a esses elementos é reduzir o potencial do ouvinte, pois outros fatores também devem ser levados em consideração, como a estética do texto verbal e visual, as condições socioeconômicas do público e a disponibilidade daquela obra para ouvintes, pois muitos podem querer obter a obra posteriormente à contação. De fato, o importante é que o contador se prepare, defina seus objetivos e proporcione histórias de qualidade para o público.

As pesquisas, no que se referem a contações de histórias em meios digitais, ainda não evoluíram, no sentido de publicações acerca do assunto, mesmo que já exista uma grande quantidade de contadores que exercem sua função por meio do ambiente virtual. No início do século XXI, temos uma das primeiras tentativas de estabelecer relações entre o digital e a arte de contar histórias, ela está presente no livro *A arte de contar histórias no século XXI: tradição e ciberespaço* (2006), da pesquisadora e contadora de histórias Cléo Busatto. A obra em questão é resultado de sua dissertação de mestrado e ressaltamos que o empenho da pesquisa da autora é fenomenal, possibilitando um panorama das contações de histórias ao longo do tempo, suas transformações e adaptações para esse novo espaço (o virtual) que começou a ser consolidado no início do milênio.

No entanto, é possível afirmar, a partir da leitura da obra, que os postulados da contadora não dão mais conta daquilo que é produzido e percebido como contação em meios digitais. Retomemos então algumas das noções que fundamentam as proposições da pesquisadora. Primeiramente, ela estabelece o lugar da pós-modernidade como uma condição essencial para a conversão ao virtual. Segundo Busatto (2006):

vive-se os rompantes da pós-modernidade, como a fragmentação, simultaneidade de ações, e assume-se o paradoxo da virtualidade, condição de

estar em todos os lugares e não estar em parte alguma. Assume-se também a rapidez com que se processam as informações [...] (BUSATTO, 2006, p. 11)

A perspectiva adotada pela autora reverbera naquilo que culmina o seu trabalho, pois da tradição ao ciberespaço muitas concepções da arte de contar histórias foram ressignificadas. Cléo Busatto apresenta, no fim de suas exposições, as contações nesse ciberespaço, que eram gravadas em CD-ROM, no qual, com a ajuda de uma equipe, ela preparava e gravava suas contações que posteriormente eram comercializadas. Porém, sabemos que as técnicas utilizadas para as gravações nesse tipo de formato não são mais aquilo que se encontra em nossa atualidade, as plataformas digitais e os aplicativos, por sua vez, conquistaram seu espaço. Apesar disso, algumas noções acerca da arte digital ainda devem ser consideradas, pois

olhando para a arte digital, percebe-se que ela se apresenta como uma linguagem que incorpora uma visão dinâmica e interativa do sentido. Ao apresentar novas simbolizações para o ser humano, o meio digital, o tempo virtual, propõe que a gente se repense e repense os significados de se viver e conviver, produzir e consumir, ser e estar no mundo contemporâneo. A narração oral no meio digital é uma outra representação, uma organização híbrida em constante mutação. Não é fixa, nem autoritária. (BUSATTO, 2006, p. 117)

Considerar o dinamismo que se instaura no ambiente digital é essencial para se pensar uma contação nesse espaço. Além disso, é preciso compreender que no virtual uma nova mediação de espaço é necessária e que uma nova concepção de tempo deve ser pensada, visto que é nesse lugar que tudo se fragmenta e se dissolve, como bem aponta a autora. A tecnologia passa, então, a ser o meio pelo qual uma história pode chegar até o seu ouvinte, e se tornou, também, a saída de muitos professores para alcançarem seus alunos durante a pandemia. Diante disso, na próxima seção deste artigo, apresentaremos uma prática de contação de histórias em meios digitais, pensando em aspectos técnicos – como o antes, o durante e o depois – e nos elementos necessários para que tal prática se torne efetiva.

4 Prática com *lívio lavanda*

Contar histórias no ambiente escolar é um excelente meio para auxiliar na formação de um gosto pela leitura nos alunos, assim como, enquanto professores, um dos nossos maiores

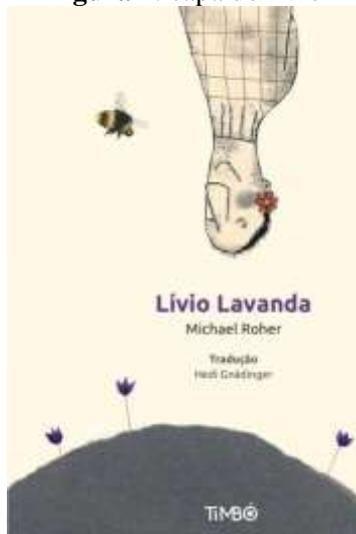
objetivos é a própria formação de leitores. Pensando nesses aspectos, a contação requer um preparo do contador e/ou professor, no qual deve incluir as técnicas apresentadas pelos teóricos da área, mas também – especificamente o professor – integrar, no momento de contar a história, perguntas/questionamentos que suscitem no ouvinte estratégias para a compreensão daquela determinada narrativa. No segundo capítulo de *Ler e compreender: estratégias de leitura* (2010), Girotto e Souza nos apresentam algumas estratégias que contribuem para a compreensão leitora de nossos alunos, sendo elas: ativar o conhecimento prévio, conexão, visualização, questionamento, inferência, sumarização e síntese. Apesar dessas estratégias se referirem à compreensão leitora, acreditamos que elas também podem ser transpostas, adaptadas e utilizadas nas contações de histórias.

Dessa forma, para a contação aqui estabelecida, escolhemos utilizar a estratégia de conexão, considerando que ela coaduna com os objetivos da nossa contação que foi dirigida às turmas dos 3º e 4º anos da Escola Municipal Lúcia Giovanna Duarte de Melo. A obra escolhida da literatura infantil foi *Lívio Lavanda* (2018), escrita e ilustrada por Michael Roher, traduzida por Hedi Gnädinger e publicada pela Editora Timbó. A narrativa foi selecionada considerando aspectos como qualidade literária, linguagem, temática, interação entre texto verbal e visual, e o contexto histórico-social em que os alunos estão inseridos. Nosso principal objetivo com essa contação era proporcionar aos ouvintes momentos de diversão e descontração, criando condições para a reflexão acerca de momentos especiais vividos. As reflexões surgem, sobretudo, a partir das perguntas que compõem a própria história que possibilitam aos ouvintes realizarem várias conexões, estabelecendo uma relação íntima com a obra.

O livro de Michael Roher remonta, por meio de um varal de lembranças – que o personagem-protagonista constrói –, a uma espécie de galeria da vida, no qual Lívio coloca objetos e fotos de situações que marcaram sua vida. Além disso, a narrativa se torna ainda mais singular unindo prosa e poesia, evidenciando um movimento constante do jogo entre as palavras e as ilustrações que formam todo o conjunto da obra. Do poema para Anelise (par romântico de Lívio) à descoberta do gosto da neve, o livro é um convite à criança, ao jovem e ao adulto para mergulhar no universo literário, estimulando uma construção dos sentidos por meio do próprio leitor que acrescenta suas opiniões, lembranças e desejos ao responder cada pergunta a partir de suas experiências. Com isso, relembramos a afirmação de Cecília Bajour, que “a escolha de textos vigorosos, abertos, desafiadores, que não caiam na sedução simplista e demagógica, que

provoquem perguntas, silêncios, imagens, gestos, rejeições e atrações, é a antessala da escuta.”
(BAJOUR, 2012, p. 27).

Figura 1: capa do livro



Fonte: Rober (2018)

Como já foram abordadas, as práticas de contações de histórias requerem do contador uma preparação. As teóricas que embasam nossa abordagem dividem os momentos da contação em introdução, enredo e desfecho, que podem ser vistos como antes, durante e depois da leitura. Para a nossa prática, optamos por introdução, narração e desfecho, a substituição do termo “enredo” se dá pela adaptação da contação para o meio digital, considerando que esse ciberespaço nos oportuniza uma maior elaboração para a prática. Dessa forma, a parte principal de uma contação não se limita apenas ao enredo da história, mas também a uma elaboração na forma de contar esse enredo, utilizando-se de vários elementos para a construção do mesmo, isso configura uma nova espécie de desempenho no que tange à história e o contador, produzindo uma narração. É importante salientar que a justificativa pela escolha de um termo não invalida o outro, nem o reduz, mas se encaixa melhor na proposta aqui desenvolvida. Posto isso, abordaremos nos subtópicos a seguir a nossa prática.

4.1 A introdução

Esse não-espaço do digital demanda uma apresentação do contador, pois ao se apresentar ele estabelece uma relação com o ouvinte. Tal apresentação se torna ainda mais

essencial, visto que na contação por meios digitais não temos o tão famoso “olho no olho”, tão caro à arte de contar histórias, sendo assim, é preciso buscar novas formas de se introduzir ao mundo desse ouvinte. Em seguida, optamos pela introdução da temática da obra, concedendo para aquele sujeito que está do outro lado da tela uma apropriação do novo objeto. Para tanto, utilizamos de alguns questionamentos, de modo a iniciar uma espécie de guia ao caminho que será percorrido. As perguntas iniciais foram: *Qual foi o melhor dia da sua vida? Aquele dia especial e que te marcou? O que aconteceu nesse dia que o tornou tão especial?*

Entre uma pergunta e outra estabelecemos um curto intervalo de tempo para que os ouvintes respondessem. Esse intervalo é importante, pois sabemos que as crianças gostam de se comunicar e ele permite que elas façam isso, e não somente, mas também faz com que elas estabeleçam as conexões que tentamos suscitar por meio das perguntas. Vale ressaltar ainda que, no meio digital, é importante que o espectador sinta que há uma verdadeira interação com ele, logo, as perguntas e os intervalos para as respostas auxiliam muito nessa interatividade. Após as perguntas, fizemos uma espécie de justificativa das mesmas, estabelecendo uma conexão direta com a própria narrativa, evidenciando que a história que eles estavam prestes a ouvir se tratava das memórias do personagem que as colocava em um varal de lembranças, fossem elas fotos, objetos e/ou desenhos. Por fim, apresentamos as informações da obra como o título, o autor e ilustrador, a editora, e a capa. Acreditamos que essas informações finais, no momento da introdução, são imprescindíveis para o sucesso da contação.

4.2 A narração

Esse segundo momento é o principal da contação. Para a narração, escolhemos contar a história com o auxílio de parte das ilustrações da obra. A construção da narrativa já auxilia o contador nesse momento, pois as diversas perguntas que emergem da obra funcionam perfeitamente para que o espectador reflita e faça as conexões pessoais necessárias. Dessa forma, assim como temos o auxílio das ilustrações, temos também a interferência dos ouvintes, mesmo que essa interferência não seja no momento exato da contação, pois nos meios digitais, assim como há um não-lugar, também há um espaço temporal não limitado. Esses “nãos” que se estabelecem são efeitos justamente da fragmentação que o meio digital proporciona, dialogando com o próprio sujeito pós-moderno.

Nos momentos em que as ilustrações com as perguntas eram mostradas, também estabelecemos intervalos que correspondiam ao tempo que os ouvintes deveriam responder às perguntas. É importante salientar que a contação foi gravada em partes, pois isso facilita a edição e montagem do vídeo. Além disso, um aspecto essencial para o sucesso de nossa contação foi aproveitar as situações de comicidade e de suspense da obra, por meio de modulações vocais, expressões faciais e corporais, assim como usufruir determinadas situações para utilizar o próprio espaço físico em que a contação estava sendo gravada, como no momento em que Lívio bate na porta de seu vizinho, utilizamos a parede ao lado para produzir o som. Esses simples recursos produzem nos ouvintes um estímulo para a imaginação e para a construção dos sentidos da história.

Figura 2: questionamentos da obra



Fonte: Roher (2018)

4.3 O desfecho

Para finalizar nossa contação, escolhemos como desfecho solicitar aos alunos ouvintes a confecção de seus próprios varais de recordação. Ademais, para que isso fosse possível, considerando as condições socioeconômicas dos espectadores, explicitamos diversos materiais possíveis para a elaboração do varal. Optamos por apresentar vários materiais, pois não gostaríamos que nenhum dos alunos se sentisse excluído de alguma forma. Além disso, escolhemos mostrar um varal elaborado por nós mesmos, com o intuito de que os alunos pudessem ter um exemplo e também conhecer um pouco do universo do contador, reforçando a interação entre contador e ouvinte que iniciamos na introdução.

4.4 Materiais utilizados na contação

Considerando o contexto de isolamento social que a pandemia nos impôs, optamos por materiais mais simples e que poderíamos encontrar em nosso lar facilmente. Para a elaboração tecnológica do vídeo, utilizamos a câmera de um celular e um editor de vídeos gratuito (*Inshot*). As ilustrações da obra que selecionamos foram transformadas em formato *PDF* e, em seguida, *PNG* para serem adicionadas ao vídeo no processo de edição. Como dicas na elaboração do

varal que solicitamos aos ouvintes, evidenciamos que eles poderiam utilizar: 1) Para o varal: uma corda, barbante, linha ou cadarço; 2) Para as lembranças: fotos, desenhos, objetos; 3) Para unir as lembranças ao varal: pregadores de roupa, presilhas ou cola.

Antes de abordarmos os *feedbacks* de fato, gostaríamos de evidenciar a dinâmica na qual a contação estava inserida antes de chegar até os ouvintes. O vídeo elaborado, primeiramente, recebia uma análise das monitoras de contação (colaboradoras da pós-graduação e da gestão escolar), que faziam diversos apontamentos, desde uma enunciação ao controle da respiração. Em seguida, eram feitas as correções necessárias no vídeo e, com a versão final em mãos, enviávamos a contação para um grupo no *whatsapp* com as professoras da escola, responsáveis pelas turmas dos 3º e 4º anos. Por fim, o vídeo era enviado pelas professoras para os grupos de *whatsapp* com os pais dos alunos, e os pais mostravam para os seus filhos. Esse percurso do vídeo, da elaboração do roteiro da contação até chegar ao ouvinte, foi um processo que trouxe muitos aprendizados, mas também apresentou seus percalços.

Na próxima seção traremos os *feedbacks/respostas* que recebemos de nossos ouvintes.

5 Feedbacks

O nosso objetivo sempre foi atingir o maior número de alunos da escola possível, no entanto, por conta de diversos fatores, tínhamos ciência de que enfrentaríamos algumas barreiras. A primeira delas, assim como ocorre com grande parte dos alunos das escolas públicas de nosso país, era justamente a falta de acesso a um aparelho eletrônico em que pudesse ser assistida a contação. Outra dificuldade era com as próprias professoras, pois se elas também não estimulassem os pais nos respectivos grupos, a probabilidade desse vídeo não chegar até o seu destinatário final era grande. Além dessas, muitos pais – mesmo durante a quarentena – trabalhavam, o que dificultava o acesso das crianças ao vídeo e muitos também não gostavam de deixar seus celulares nas mãos dos pequenos, com receios compreensíveis, considerando que hoje o próprio aparelho de celular serve como ferramenta de trabalho para muitos.

A nossa principal atitude, para de alguma forma facilitar e democratizar o acesso do vídeo para os alunos, foi a criação de um perfil oficial da extensão nas duas principais redes sociais que os pais e/ou as crianças poderiam ter acesso. No *Instagram* criamos o perfil @culturaliterarianaescola, e no *Facebook*, uma página oficial *Cultura Literária na Escola*.

Com isso, além de democratizar o acesso para o nosso público alvo, também expandimos as fronteiras, alcançando diversas pessoas que puderam/podem assistir as contações. Por esses mesmos canais de comunicação, implementamos exposições virtuais, nas quais durante a primeira semana de cada mês produzimos várias postagens acerca de diferentes temas, autores e obras da literatura infantil, como também divulgamos resenhas de livros literários infantis. Acreditamos que com essas ações nossos resultados se tornaram ainda mais positivos.

Nosso principal foco, como já comentamos, eram as crianças das turmas especificadas. No entanto, apesar de não termos conseguido atingir 100% dos estudantes da escola, que correspondem a 210 alunos, divididos em sete turmas (A, B, C, D, E, F e G), dos 3º anos e nos 123 alunos, divididos em quatro turmas (A, B, C e D), dos 4º anos, acreditamos que houve uma boa recepção das crianças. Uma grande surpresa, ao recebermos os *feedbacks*, foi que com eles também chegaram participações de algumas mães e de filhos(as) das professoras. Por *feedbacks* compreendemos todos os vídeos, fotos, desenhos, áudios e textos que recebemos de cada um deles. Para as devolutivas de alunos dos 3º anos, utilizaremos A1.3 (A = aluno; 1 = ordem, que irá ser crescente, por exemplo: A2.3, A3.3...; 3 = 3º ano), para os dos 4º anos, A1.4, para os dos familiares F1.3/F1.4 e para os filhos(as) das professoras FP1.3/FP1.4. Optamos por preservar as imagens das crianças, sendo assim, para os vídeos, transcrevemos apenas as falas ou cortamos a imagem do varal de recordações. Os áudios também foram transcritos.

Nós assistimos junto o conto de Lívio Lavanda, que foi contado por Isaque, e foi bem legal. Depois, Joice com minha ajuda, ela construiu o varal com os dias que ela mais gosta de passear com os pais, que é o que ela mais gosta de fazer. (F1.3)

Eu vou dizer para vocês as coisas que eu gosto de fazer, a primeira coisa que eu gosto de fazer é... eu amo ir para a praia, eu, meu pai e minha irmãzinha. O outro é, eu adoro ir para a escola, porque na escola a pessoa tem que aprender e estudar [...] Por último, eu gosto de brincar com a minha amiga. (A1.3)

A história é muito legal, a do professor Isaque. [...] A história é bem legal, ele fez eu lembrar de lembranças que eu tinha, tipo quando ele fazia umas perguntas, tipo... Qual o dia que marcou a minha vida? O dia que eu mais gostei? E essa resposta foi quando eu criei o meu canal no youtube e agora eu estou gravando os meus vídeos, era um sonho meu ser um youtuber. (A1.4)

Eu achei interessante e legal o que o rapaz contou na história. (A2.4)

Eu entendi que ele fez um varal da felicidade, das lembranças dele, dos bons momentos que ele passou da história. (A3.4)

Têm várias coisas, esse daqui foi um cartaz que eu fiz para minha mãe. Isso daqui é o sonho, meu sonho e da minha amiga... Eu tenho um sonho, um dos meus sonhos é ver uma concha colorida e o sonho da minha amiga é ter um aparelho. Isso daqui é eu quando era bebê, isso daqui é um coração que eu fiz de tinta para o meu pai. Isso daqui é meu irmão com a minha prima. Isso daqui é meu tio vendo lá do céu [...] Isso daqui é eu com minha amiga tirando foto, só que é da escola. (FP1.4)

A partir dos *feedbacks*, é possível perceber que tivemos um misto de respostas, desde as mais simples – mas acreditamos que elas são essenciais, pois o óbvio também precisa ser dito e valorizado (CHAMBERS, 2007) – até algumas bem elaboradas, nas quais as crianças fizeram conexões texto-leitor e conexões texto-mundo (GIROTTI; SOUZA, 2010). Nas transcrições acima, temos respostas às perguntas feitas no momento de introdução da contação e comentários/relatos acerca dos próprios varais. Percebemos também que o contato inicial estabelecido pelo contador, na introdução, provoca na criança um desejo de ser conhecido também, como pode ser comprovado pelas falas de si que encontramos acima. A seguir, apresentaremos alguns varais de lembranças produzidos pelas crianças.

Figura 3: A2.3



Fonte: @culturaliterarianaescola

Figura 3:A.3.3



Fonte: @culturaliterarianaescola

Figura 5: A4.4



Fonte: @culturaliterarianaescola

Pelo mesmo motivo que preferimos transcrever os vídeos/áudios, para a preservação da imagem das crianças, nas imagens encontram-se apenas aqueles varais que não continham imagens delas e nem de seus familiares e amigos. Acreditamos que a prática de contação de histórias, por meio digitais, mediada pela obra *Lívio Lavanda* (2018), nos trouxe resultados muito positivos e colocam em evidência o quanto a experiência da leitura/escuta literária é essencial para as crianças, corroborando então com aquilo afirmado por Bajour (2012, p. 25), que “construir significados com outros sem precisar concluí-los é condição fundamental da escuta, e isso supõe a consciência de que a construção de sentidos nunca é um ato meramente individual”.

6 Considerações Finais

Neste trabalho percorremos um caminho que deixa claro como a literatura está presente em nossa sociedade e, principalmente, que devemos continuar cultivando-a no processo de formação de leitores. A partir de nossos estudos e práticas, acreditamos que a arte de contar histórias era/é uma excelente ferramenta nesse processo. Diante disso, apresentamos uma prática de contação de histórias em meios digitais, visto que a pandemia do covid-19 nos colocou defronte a uma nova realidade, na qual tivemos que nos adaptar. As etapas da contação (introdução, narração e desfecho) foram desenvolvidas a partir de uma preparação com diversas leituras e discussões acerca de técnicas e modos de contar histórias, em reuniões do projeto extensão *Cultura Literária na escola: para ler, ouvir, ver e sentir*. Por último, apresentamos

alguns *feedbacks* que recebemos do público. Destacamos, por fim, que a disponibilização do vídeo em várias plataformas foi essencial para o sucesso da contação. Em síntese, cremos que este trabalho pode auxiliar professores e contadores a se adaptarem e expandirem seus meios e modos para contar histórias.

Referências

BAJOUR, Cecília. **Ouvir nas entrelinhas**: o valor da escuta nas práticas de leitura. São Paulo: Editora Pulo do gato, 2012.

BARCELLOS, Gládis Maria Ferrão; NEVES, Iara Conceição Bitencourt. **A hora do conto**: da fantasia ao prazer de ler. Porto Alegre: Sagra-DC Luzzatto, 1995.

BUSATTO, Cléo. **A arte de contar histórias no século XXI**: tradição e ciberespaço. Petrópolis: Vozes, 2006.

CHAMBERS, Aidan. **Dime**: los niños, la lectura y la conversación. México: FCE, 2007.

COELHO, Betty. **Contar histórias**: uma arte sem idade. São Paulo: Editora Ática, 1998.

COSSON, Rildo. **Círculos de leitura e letramento literário**. São Paulo: Contexto, 2020a.

_____. **Letramento literário**: teoria e prática. 2º Ed. São Paulo: Contexto, 2020b.

GIRARDELLO, Gilka. **Uma clareira no bosque**: contar histórias na escola. Campinas: Papyrus, 2014.

GIROTTI, Cyntia Graziella Guizelim Simões; SOUZA, Renata Junqueira. Estratégias de leitura: para ensinar alunos a compreender o que leem. *In*: MENIN, Ana Maria et al. **Ler e compreender**: estratégias de leitura. Campinas: Mercado de Letras, 2010.

ROHER, Michael. **Lívio Lavanda**. São Paulo: Timbó, 2018.